

## REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

*direito ao lugar que me designaram; e a essa honra preferia mil vêzes nunca houvesse o meu nome figurado no concurso.*

*“Porque essas honras vãs, êsse ouro puro,  
Verdadeiro valor não dão à gente:  
Melhor é merecê-los sem os ter  
Que possuí-los sem os merecer”.*

*Santana do Acaraú, 28 de janeiro de 1925.*

a) Pe. Antônio Tomaz”.

Apud. — *Padre Antônio Tomaz — Príncipe dos Poetas Cearenses — de Dinorá Tomaz Ramos, pág. 18 a 20).*

7 — *Criança ainda — refere-nos Mons. João Alfredo Furtado — improvisava quadras harmoniosas e singelas, e censurado um dia pelo austero professor, que via nas sílabas da cartilha e nos algarismos da tabuada mais utilidade que na linguagem cadenciada, prometia, cantando como Ovídio no verso clássico, divorciar-se da Lira e emigrar do Parnaso: “Nunc tibi promitto nunquam componere versus” (Veja-se a Palestra de Monsenhor Furtado, no Ceará Ilustrado, de 1º de fevereiro de 1925).*

*Como foi, pelo tempo adiante, impenitentemente descumprida essa promessa!...*

8 — *Escreveu-se alhures: “... no gênero soneto só não excedeu talvez, entre nós, a Bilac e Raimundo Correia, podendo-se, porém, dizer que nenhum sonetista daquém e dalém mar lhe tomou jamais a dianteira”.*

9 — *Veja-se o 2º tomo, pág. 60 e 61.*

*Como também mostramos à pág. 81, do 2º tomo, da mesma História, A República, em 1902, arrancou do escrínio literário do famoso sonetista e entregou às nossas letras os dez seguintes sonetos: Flôres, No Cemitério, Fome, Na Aldeia, Nascimento de Jesus, Cromo, Verso e Reverso, Epílogo, Branco e Vermelho e A Caminho do Calvário, os quais (exceto Nascimento de Jesus e Epílogo) deixamos ali transcritos.*

*Em 1903, na capa de um dos seus números, estampou a revista Boêmia dos Novos o soneto No entêrro de um anjinho, que também transcrevemos à pág. 125, do 2º tomo desta História.*

*O soneto Voltando à casa deu-nos a conhecer, em 1904, dando-nos ainda a conhecer, nesse mesmo ano, através das páginas d'O Germinal, o soneto A Morte de Malvina.*

*De fevereiro a junho de 1906, o periódico fortalezense A República lançou à publicidade, pelas suas colunas, os sonetos Ouvindo os meus canários, Consolatrix afflictorum, Soneto (depois publicado com o título*

## REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

---

O Anjo da Guarda), Em busca do Céu, Eva, Cromo, Campesina e Instantâneo. Todos êsses sonetos transladamo-los de págs. 252 a 257 do citado 2º tomo.

Na revista Fortaleza, desta capital, publicou o Pe. Antônio Tomaz os seus sonetos Via Dolorosa e A Santos Dumont, os quais igualmente transladamos a págs. 291 e 292 do 2º tomo referido.

Continuava a sacrificar as Musas o Pe. Antônio Tomaz, publicando Epílogo e Contraste”, em 1909 e 1910, e ainda em 1910 e 1912, “Piedade Infantil” e Mater Dolorosa, esta última pelas páginas do Anuário Cearense, de maio do prefalado ano de 1912, e a primeira pelas colunas do Ceará Intelectual.

O sonêto Piedade Infantil se acha transcrito à pág. 441 e 442, do 2º tomo da H. da Literatura Cearense.

Em 1924 e 1925, nas páginas, sempre ricas de seiva do Ceará Ilustrado, se ostentam, entre outros, os seus sonetos Maris Stella, Desengano, O Palhaço, Camões, Compostura, Eva, Contraste, Epílogo, Piedade Infantil, Sonhos Moros, Emigrantes e A Vida.

— Vejam-se os números de 7, 21 e 28 de dezembro de 1924, e os de 18 e 25 de janeiro de 1925.

Dá-se como do Padre Antônio Tomaz o sonêto Noite de Núpcias, publicado sob sua assinatura.

Nega-lhe, em absoluto, a autoria D. Dinorá Tomaz Ramos.

Observe-se, porém, que, além de ser essa negativa destituída de qualquer fundamentação, teve o Padre poeta as mais oportunas ocasiões de a desmentir, e, entretanto, nunca o fêz.

O certo, afinal, é que “O Nordeste”, nos últimos meses de 1941 e nos primeiros de 1942, ora sob a designação de Sonetos do Padre Antônio Tomaz, ora sob a de Produções do Padre Antônio Tomaz, publicou CI (cento e um) dos seus imortais sonetos, incluídos todos os que aqui temos mencionado. — Veja-se o citado periódico de 19 de setembro de 1941 a 24 de janeiro de 1942, e de 16 de março a 24 de julho de 1942. — Diversos dos indicados sonetos (cêrca de vinte) chegaram também a ser divulgados pelo “Correio do Ceará”, de 2 de maio a 26 de julho de 1917 (veja-se a seção — Flôres de Maio) e de 2 de abril a 28 de junho de 1918.

Ali então se escreveu: “Muitos dos sonetos que havemos de aqui estampar já correm as vias da publicidade, e figuram em seletas e miscelâneas, ou antes, são de todo o Brasil conhecidos. Muitos, porém, serão agradável novidade para os leitores”.

O “Correio do Ceará” ainda estampou outros sonetos, de 16 de julho de 1921 a 8 de junho de 1922.

“O Povo” de 12 de agosto de 1944, na sua seção — Literatura de ontem e de hoje—, como uma homenagem ao Padre Antônio Tomaz, publicou, a sua vez, vários sonetos.

— Foi Desencanto o último sonêto do poeta, escrito na Santa Casa

## REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

de Sobral, a 3 de fevereiro de 1941, em retribuição a uns versos do seminarista Osvaldo Chaves, ao qual chamou de Canto do Cisne.

Referido soneto numerar-se entre os que "O Nordeste" publicou, encontrando-se ainda no citado livro de Dinorá Tomaz Ramos, págs. 144 e 204.

Releva advertir que tôdas essas indicações, assim circunstanciadas, são devidas ao fato de ter o apreciado vate determinado, num surto de inigualável modéstia — e como se viu — que não fôsem os seus versos por forma alguma editados em volume.

10 — Apud. — Padre Antônio Tomaz — Príncipe dos poetas cearenses — de Dinorá Tomaz Ramos, págs. 34 e 35.

11 — A Poesia do Padre Antônio Tomaz e a Crítica Literária, pág. 27.

12 — Trab. cit., pág. 34.

13 — Antero de Quental observa, argutamente: "O que noto, em geral, nos brasileiros, é que não são poetas literatos, mas verdadeiros, apaixonados, arrastados por um fluxo íntimo de sentimentos. Por isso são vivos, ainda quando imperfeitos como artistas, como são quase todos. Mas há nêles uma sinceridade de inspiração, uma verdade e frescura, uma graça natural de expressão, que me encantam".

14 — O soneto "Contraste" sofreu um deslavado plágio da parte de um Sr. José Carrera que, além de modificações na pontuação, se limitou a substituir, no seu corpo, verdor por vigor e descuidosamente por descuidosamente, substituindo o título Contraste por Juventude... Velhice.

A paternidade do referido soneto ainda foi atribuída a um tal Abelardo Pardal.

Eis como tudo isso nos é revelado pelo Padre Antônio Tomaz, em carta de 18 de dezembro de 1915, ao "Correio do Ceará": "A propósito da transcrição do meu soneto "Contraste" pela revista "Ave-Maria", de São Paulo, estampa o "Grito", jornal que se publica em Itapira, de 29 de outubro p. passado, um artigo espalhafatoso e polvilhado de facécias, em que se pretende, sem mais nem quê, dar a paternidade do legítimo soneto a um tal Abelardo Pardal.

Peço vênia ao articulista do "Grito" para, apesar de sua contestação, afirmar que são da minha lavra os versos citados, os quais foram publicados no Almanaque Luso-Brasileiro, de 1901, pág. 222, e transcrito por diversos jornais e revistas, em diferentes tempos e lugares.

Devo ainda notar que, se Abelardo Pardal, como diz o "Grito", subcreveu o soneto em questão, não ganhou com isso a palma da invenção; já o Sr. José Carrera, em 1908, o mandou publicar no "Eco", de São Paulo, sob sua firma, com o título de Juventude e Velhice, dedicando-o a um seu conterrâneo e amigo.

Eis o que a propósito disse aquela revista no seu número 74, de abril de 1908:

**"QUE LADRÃO!"**

*Um senhor José Carrera, dessa capital, enviou-nos uma bela poesia, intitulada Juventude e Velhice. Quando a lemos, tivemos uma vaga lembrança de já a ter lido, surpreendendo-nos também a falta de ortografia em tão linda produção. Fomos procurar e verificamos que o sr. Carrera é um refinadíssimo ladrão, que copiou muito mal essa poesia do Pe. Antônio Tomaz, publicada no "O Jornal", de Santos.*

*Achamo-nos pois no dever de desmascarar esse despuadorado senhor que se quer pavonear com as produções dos outros.*

*Para mostrar a descarada ladroeira, damos abaixo, lado a lado, a poesia enviada pelo Sr. Carrera e a do Pe. Antônio Tomaz.*

*Ei-las:*

**JUVENTUDE... E VELHICE!...**

*(Dedicada a meu conterrâneo e amigo José Garcia Flôres).*

*Quando partimos no vigor dos anos  
Da vida pela estrada florescente  
As esperanças vão conosco a frente,  
E vão ficando atrás os desenganos.*

*Rindo e cantando, céleres ufanos,  
Vamos marchando descuidadosamente:  
Eis que chega a velhice de repente,  
Desfazendo ilusões, matando enganos.*

*Então, nós enxergamos claramente  
Como a existência é rápida e falaz  
E vemos que sucede exatamente*

*O contrário dos tempos de rapaz:  
Os desenganos vão conosco à frente  
E as esperanças vão ficando atrás.*

*São Paulo*

*José Carrera.*

*N. B. — Deixamos de transcrever o soneto plagiado, por já o termos feito à página 424 do 2º volume.*

*Como vêem os leitores, o audaz larápico transformou o belo soneto numa poesia linda, mas que não lhe pertence e não tem gramática.*

*Aconselhamos os colegas a que se previnam e quando o Sr. Carrera tentar iludi-los gritem como nós: Pega! Pega!"*

*É o caso.*

*Acaraú, 18-12-1915, Pe. Antônio Tomaz".*

*(Veja-se o "Correio do Ceará", de 4 de janeiro de 1916).*

*Cumpre observar aqui que o soneto "Contraste" foi publicado pela primeira vez, não no jornal O Rebate, de 25 de junho de 1909, como, sem maior exame, dissemos na nota 250, pág. 424, do 2º tomo, desta Historia, mas, sim, como o seu autor declara na carta acabada de transcrever, no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, de 1901, pág. 222.*

15 — *Diz Dinorá Tomaz Ramos que êsse é um dos mais populares sonetos do Pe. Antônio Tomaz. Acrescenta, porém, que essa popularidade não impediu que êle fôsse recitado... e bisado até, por um ator de circo, em São Paulo, em 1932, como sendo da autoria do Pe. Antônio Vieira, conforme relatou a Magalhães Martins o Dr. Perboyre e Silva (trab. cit., págs. 12 e 113).*

*Acresce que o célebre soneto estampou-o o Jornal das Moças, do Rio de Janeiro, firmado, abusivamente, por um tal D. Paquito (Vide "Correio do Ceará", de 7 de janeiro de 1916).*

16 — *Lembro-me de ter lido em alguma parte: "Com ser mesquinho o conceito que de si mesmo fazia (o Padre Antônio Tomaz), não podia conter o estro: produzia muito e com espantosa facilidade!"*

*O autor (que não pude ajudar quem o seja) dêstes dizeres acrescentava: "Não tive o prazer de conhecê-lo pessoalmente, mas privei com um sacerdote que lhe foi contemporâneo no Seminário de Fortaleza. Disse-me êste seu colega que "era tal a facilidade que tinha Antônio Tomaz de versejar, que certo dia em que o Seminário tomara parte numa festa cívico-religiosa, comemorativa do 7 de setembro, durante o trajeto, de casa à catedral, o nosso poeta, ainda simples preparatoriano, improvisou uma linda poesia alusiva àquela data".*

17 — *Trab. cit., pág. 27 e 28.*

18 — *Êste soneto pareceu ao Sr. Sales Campos não ter rival, no gênero, entre os poetas modernos, se excetuarmos o Salve, Rainha, de Hermes Fontes (Vide Pe. Leopoldo Fernandes, trab. cit., pág. 40).*

19 — *Trata-se de uma versão, pelo Padre Antônio Tomaz, do famoso soneto de Montgomery — "Crucifixão", para a tradução do qual, há muitos anos, já, uma revista carioca abriu um concurso entre os poetas brasileiros, estabelecendo previamente um prêmio para aquêle que obtivesse o primeiro lugar na classificação.*

*A êsse certame concorreram renomeados poetas brasileiros, e não foi sem grande surpresa que o Padre Antônio Tomaz recebeu, um dia, comunicação de que a êle coubera o prêmio pela excelente versão que conseguira realizar (Pe. Leopoldo Fernandes, trab. cit., pág. 46).*

20 — *Diz Dinorá Tomaz Ramos que êsse soneto, e bem assim "Mãe" e "Virgem", antes transcrito, não pertencem absolutamente ao Pe. Antônio*

## REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Tomaz, apesar de figurarem com o seu nome em revistas e jornais (trab. cit., pág. 58).

É de estranhar, todavia, que, em vida, não tivesse impugnado, em declaração pública, essa autoria. Pelo menos não a conhecemos. Enquanto, por isso, não houver prova líquida em contrário, deve ser considerada dêle.

21 — Testemunha Dinorá Ramos que “Confidências” era, dentre todos os seus sonetos, aquêle de que o Padre mais gostava e que, quando instado a recitar quaisquer de seus versos, sempre o escolhia (trab. cit., pág. 58), afirmativa que Mons. João Alfredo Furtado confirma (Vide Palestra citada).

22 — Ocorre-me ter lido, alhures, as seguintes observações à poesia do Padre Antônio Tomaz: “Os seus versos, em geral, rescendem uma doce melancolia. Dir-se-ia que a sua lira só vibrava sob o influxo imediato da mágoa e da saudade”.

Em refôrço do que acaba de assegurar, o observador passa a transcrever o seu soneto “Desencanto”, que considera “uma síntese de muitos outros que fazem a gente gozar e sofrer”:

Muitas vêzes cantei nos tempos idos  
Acalentando sonhos de ventura:  
Então da lira a voz suave e pura  
Era-me um gôzo d'alma e dos sentidos.

Hoje vejo êsses sonhos convertidos  
Num acervo de penas e amargura,  
E percorro da vida a estrada escura  
Recalcando no peito os meus gemidos.

E se tento cantar como remédio  
Às minhas mágoas, ao sombrio tédio  
Que lentamente as fôrças me quebranta,

Os sons que arranco à pobre lira agora  
Mais parecem soluços de quem chora  
Do que a doce toada de quem canta”.

E acrescenta: “Êsse característico da poesia de Antônio Tomaz longe de lhe diminuir o mérito, constitui, a meu ver, um dos motivos principais da sua celebridade artística. E, com efeito, “se é no sentimento que reside o segrêdo do bom dizer”, então ninguém mais habilitado para dizer bem que aquêle que empunhe a pena sob a pressão da dor (física ou moral). O sofrimento, na verdade, com ser absolutamente refratário à natureza humana, é para os homens de letras, máxi-me para os poetas, uma rica fonte de inspiração. As melhores produções

de Humberto de Campos, por exemplo, são aquelas que êle publicou durante a sua última doença. Entre as obras de Paulo Setúbal nenhuma conquistou tamanho público como o seu "Confiteor", justamente porque foi escrito quando o autor já se encontrava no limiar da eternidade. Quero crer que, se não tivesse sofrido tanto, Casimiro não nos teria mimoseado com as "Primaveras", Auta com o "Hôrto" e Alvares de Azevedo com a "Lira dos vinte anos".

Longe estou de pensar tenha sido o nosso poeta um homem dominado por uma tristeza inata ou adquirida. Não! Bom padre e bom cidadão, deu êle à Igreja e à Patria tudo o que lhe estava ao alcance, morrendo septuagenário, cheio de merecimentos. Eu quero dizer apenas que a sua lira não só agora — como disse êle no soneto acima — mas durante toda a vida artística de poeta, soluçou mais do que cantou..."

23 — A Poesia do Padre Antônio Tomaz e a Crítica Literária, págs. 31 e 32.

— Infelizmente — o que em nada o desconceitua — o vocabulário do Pe. Antônio Tomaz é pouco abundante e pobres as suas rimas. Do que resulta abusar de certas dessas rimas, como as que terminam em *ura*. É fácil verificá-lo, lendo-lhe e examinando-lhe detidamente os sonetos.

Encontrei nessas condições cinqüenta entre os cem famosos sonetos que existem e que consegui apreciar.

24 — Vem, aliás, a pêlo consignar-se que o Padre Antônio Tomaz apreciava a música. "Dedicou-se, quando moço, ao estudo da flauta, que tocava nas horas de ócio. Entre todos os instrumentos, porém, preferia o violino, que amava ouvir em silêncio, absorto e quêdo, na fruição de um requintado gôzo espiritual".

25 — Veja-se Estêvão Cruz, Programa de Vernáculo, 1936, pág. 138.

26 — Esta poesia tem uma história "de singela e triste beleza", que Dinorá Tomaz Ramos assim nos conta: "Foi na terrível sêca de 1877. Uma jovem bonita, meiga e infeliz. Dezoito anos. Olhos imensos, acrescidos pela fome... Semblante de mártir. A sêca a levava a esmolar. E com ela os pais e os irmãos menores. De cidade em cidade. De vila em vila. A cada povoação ia um de menos. Até que ficou sòzinha. Só e doente. Doente de fome. De inanição. Entre duas povoações praianas — Itarema e Almofala — as fôrças abandonaram-na. E ela caiu à beira da estrada. Caiu e ficou. Ficou triste e só. Só e desnuda. Não tinha mais vestidos. O corpo esqualido, de uma magreza impressionante, espontava de entre os andrajos. Sôbre os seios mirrados amontoara, num gesto instintivo de pudor, os restos dos trapos imundos. Esgazearam-se-lhe os grandes olhos. Demudou-se-lhe o semblante de mártir. Os lábios crisparam-se-lhe num trejeito de dor. De fome. De sede. De ânsia. De desespero. De pavor. Chegou a morte. Sômente alguns dias depois encontraram-lhe o corpo inteiriço e sujo. Piedoso camponês enterrou-o sob um pau-d'arco despido de folhagem. E plantou-lhe uma cruz. Meses mais tarde espa-

## REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

---

*lhou-se o notícia. A alma da moça era milagrosa: alcançava muitas graças. Sucederam-se as romarias. Contaram ao poeta aquela história singela e triste". E êle fêz a poesia, que ficou transcrita no texto" (trab. cit., págs. 118 e 119).*

27 — São 24 décimas publicadas pel"O Nordeste", de 7 de agosto 4 de novembro de 1942, e transcritas no livro de Dinorá Tomaz Ramos, de págs. 156 a 165.

As mesmas Décimas, aliás, já tinham sido divulgadas, quase tôdas, sob o pseudônimo de Gaudério, nas Variedades Literárias, seção do citado jornal que se editava aos sábados. Algumas delas, sob o mesmo pseudônimo, também haviam sido estampadas no "Correio do Ceará", de 21 de setembro de 1922 a 11 de outubro do mesmo ano.

28 — Trata-se de um opúsculo, que Dinorá Tomaz Ramos transcreveu de págs. 167 a 199 do seu tantas vêzes já referido livro — "Padre Antônio Tomaz — Príncipe dos poetas cearenses".